

TARIFAÇO DE TRUMP

Brasil dá o 1º passo na OMC

De acordo com especialistas, ao questionar a sobretaxa dos EUA, o país sinaliza respeito a regras do comércio internacional

» ROSANA HESSEL

O governo brasileiro anunciou, ontem, que entrou com pedido de consulta aos Estados Unidos, questionando as medidas tarifárias aplicadas pelo presidente norte-americano Donald Trump no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), por meio do Sistema de Solução de Controvérsias. A medida, contudo, é considerada protocolar, porque não deve reverter a aplicação da

sobretaxa de 50% — mais 40% sobre os 10% que passaram a ser cobrados no início do ano — nos produtos exportados pelo Brasil aos EUA que passou a vigorar hoje.

Especialistas ouvidos pelo **Correio** reconhecem que essa medida adotada pela diplomacia do governo de Luiz Inácio Lula da Silva é positiva, porque é uma sinalização de que o país tenta atuar dentro das regras internacionais, ao contrário dos EUA.

“Essa medida do Brasil terá valor moral e como precedente para

o futuro. Ao recorrer ao sistema de solução de controvérsias da OMC, o Brasil reafirma o princípio das normas legais no relacionamento entre países”, destacou o diplomata e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero.

O ex-ministro reconhece que, na prática, neste momento, não existe impacto da medida, pois Trump não dá importância aos organismos multilaterais. “O presidente norte-americano não se sente limitado pelo direito internacional”, lamenta. Mas Ricupero

recorda que Trump não vai ficar para sempre na Casa Branca. “No futuro, haverá nos EUA um outro governo que será responsável juridicamente pelos atos cometidos pelo atual e terá de responder por suas consequências, de acordo com o princípio da continuidade dos Estados”, acrescentou.

O especialista em comércio internacional Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior do Mdic e sócio da BMJ Consultores Associados, concorda que não há impacto imediato na medida,

e admite ser importante questionar junto à OMC.

De acordo com Barral, os exportadores brasileiros e importadores norte-americanos ainda estão bastante confusos com as novas tarifas dos Estados Unidos, devido à lista de isenções. “Há clientes que não sabem se estão enquadrados ou não na lista de exceção e, por enquanto, eles não podem embarcar os produtos até ter uma resposta das autoridades norte-americanas”, contou.

O sócio da BMJ reconheceu que

a sobretaxa de 50% inviabiliza os negócios para o mercado norte-americano, que é considerado premium e um dos que pagam preços melhores para os produtos brasileiros. Além disso, destacou que não será fácil para os exportadores brasileiros conseguirem novos mercados para vender os produtos que embarcariam para os EUA, no caso de cancelamento dos contratos. “Haverá perdas de rentabilidade e custo com a logística e com investimentos para buscar novos clientes em outros países”, destacou.

Defesa do multilateralismo

O questionamento do governo brasileiro junto à OMC foi divulgado, ontem, em nota conjunta dos ministérios do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) e das Relações Exteriores (MRE), mas ainda não aparece na lista de questionamentos do Brasil sobre tarifas de outros países na OMC. Atualmente, o país tem registrado 34 reclamações contra vários países e blocos, como Estados Unidos, União Europeia, Índia e China, OMC e responde a outras 17.

O consultor e ex-secretário de Comércio Exterior, Welber Barral, opina que a relevância de o Brasil agir junto à OMC se deve ao fato de o governo se juntar a outros países e blocos na defesa do multilateralismo. Ele citou a União Europeia, a China e o Canadá, que também levaram a taxaço de Trump à OMC.

“Isso é importante para o governo provar que o Brasil está respeitando as regras do comércio internacional e está avisando que as regras estão sendo descumpridas pelos Estados Unidos”, avaliou Barral.

Brics na mira

Ontem, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinou

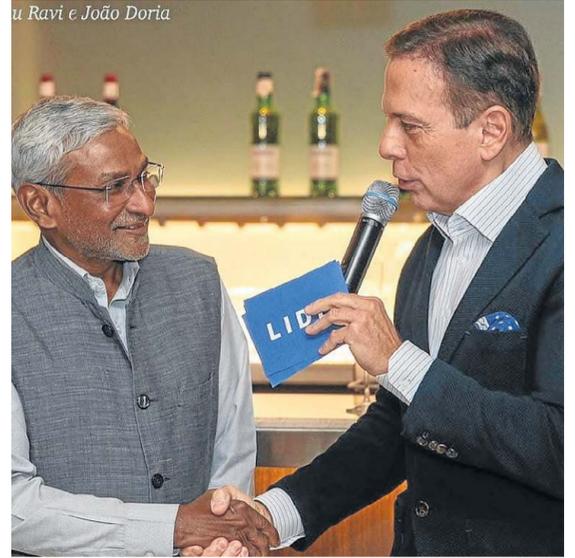
uma ordem executiva que impõe tarifa adicional de 25% sobre a Índia. A alegação usada pela Casa Branca, em mensagem no X foi a de tratar-se de uma resposta à contínua compra de petróleo russo pelos indianos.

Com isso, os produtos indianos passarão a pagar uma tarifa de 50%, uma vez que já havia sido taxada em outros 25%. A Índia, agora, se iguala à taxaço imposta a boa parte das exportações brasileiras. A sobretaxa entra em vigor 21 dias após a data da ordem executiva e incide sobre mercadorias que entram para consumo ou são retiradas de armazéns dos EUA após esse período.

Com essa medida, a Índia se torna mais um país do Brics a sofrer sanção do presidente Trump. O outro é a China, principal preocupação de Trump no bloco. Depois de uma série de ameaças, os EUA negociam, agora, com a China a tarifa de 30% sobre produtos chineses, enquanto o país asiático pretende impor 10% de taxa sobre produtos norte-americanos. A Rússia já vem sofrendo sanções, por causa da guerra com a Ucrânia. **(RH com agências)**

Instagram

lu Ravi e João Dória



João Dória recebeu Damu Ravi, representante do governo indiano

Brasil e Índia em diálogo

» DENISE ROTHENBURG
ENVIADA ESPECIAL

Mumbai, Índia — Empresários brasileiros e indianos que tiveram seus produtos taxados na faixa dos 50% nos Estados Unidos acreditam que, a partir de agora, estão abertos os canais de negociação entre países, sem precisar das bênçãos dos EUA ou sua interferência. A ideia deles é a de que, enquanto cada país busca renegociar suas novas tarifas com o governo de Donald Trump, esses “taxados” precisam se unir para ampliar seus mercados. Pelo menos, essa é a opinião de muitos industriais que, esta semana, voaram para a Índia a fim de participar do seminário Lide Brasil Índia Forum, promovido pelo grupo Líderes Empresariais coincidentemente um dia depois de Trump anunciar a taxaço dos produtos indianos em 50%.

Nos bastidores do jantar de abertura do evento, ontem, por exemplo, o tema recorrente foi o da taxaço sobre produtos indianos, anunciada quando os convidados do Lide ainda estavam à mesa, jantando com o

ex-governador de São Paulo João Dória, fundador do Lide.

Os empresários, otimistas em relação ao futuro entre os dois países, consideram que não dá para dissociar as tarifas aplicadas por Trump ao fato de os integrantes do Brics buscarem negociações longe do dólar. Embora uma moeda do Brics não seja consenso no bloco e esteja longe qualquer solução que possa levar o mundo a prescindir do dólar, a avaliação da diplomacia é a de que os movimentos nessa direção por parte da China e do governo brasileiro contribuíram para as sanções tarifárias.

Razões à parte, a maioria afirma que a política trumpista abre caminho de busca de novos mercados e que a Índia, com 1,4 bilhão de pessoas, 17% da população mundial, está no top 5 desse projeto, uma vez que foi o país que mais cresceu no ano passado, com um PIB de 6,5% acima da China. Ao mesmo tempo em que bate recordes de crescimento, a Índia precisa de alimentos. Por isso, a grande aposta para os empresários que passam por Mumbai é o agro, objeto do segundo painel, previsto para hoje.

ESCOLHA A

ESCOLA DO

SEU FILHO 2025

As salas de aula estão mais tecnológicas, colaborativas e centradas no aluno. Um novo modelo de ensino surge — mais inclusivo, flexível e preparado para o futuro.

Ciente dessa realidade, o **Correio Braziliense** apresenta a nova edição do projeto **Escolha a Escola do Seu Filho**: uma oportunidade exclusiva para escolas que acreditam no poder da educação como chave da transformação.



Faça parte dessa iniciativa:
Entre em contato com a equipe comercial!

Patrocínio

ONE SCHOOL

Escola montessori

COLÉGIO MARISTA JOÃO PAULO II

LEONARDO DAVINCI

Apoio

SESI

Apoio de Comunicação

Clube 105.5 FM

cb.dooh MÍDIA DIGITAL

TV BRASÍLIA

Realização

CORREIO BRAZILIENSE

CB Brands ESTÚDIO DE CONTEÚDO